

Ⓜ Amigo Virtual do Filatelista

ANO 1 Edição da Filatélica Penny Black / Portal do Selo NÚMERO 2

EDITORIAL

O mês de Abril é um mês pontuado por datas importantes para nós brasileiros. No dia 19 temos O Dia do Exército Brasileiro e o Dia do Índio, no dia 21, temos: O Aniversário da Execução de e Tiradentes, e o aniversário de Brasília, a nossa atual Capital. No dia 22 temos o Aniversário do Descobrimento de Brasil e o Dia da Força Aérea Brasileira. Evidentemente gostaríamos de poder comentar com selos, em formato de pequenas coleções, todas estas datas. Mas não teríamos tempo de montar tudo isso para o nosso Amigo Virtual do Filatelista sair neste mês. Sabemos que todos vocês estão esperando o nosso jornalzinho, pois a aceitação por parte do público foi muito grande, a ponto de nos comover. Assim, neste mês, falaremos de duas destas datas, que a meu ver são muito interligadas e que expostas juntas tornam-se mais fáceis de ser entendidas e também são o começo da nossa historia: o aniversario do Descobrimento do Brasil e o Dia do Índio.

Fora isso, começaremos a expor um estudo muito interessante sobre os Selos Etiquetas, que hoje proliferam no mundo, mas muita gente ainda não entende bem sobre esse assunto, de autoria do nosso grande amigo Dr. Reynaldo Jacob advogado e membro da diretoria da Sociedade Philatélica Paulista, conhecida por nós como SPP.

Como eu já comentei em nossa primeira edição de Março, a finalidade deste jornal é ensinar e estamos sempre abertos às sugestões e perguntas que nos façam para podermos dar o nosso melhor para vocês.

Vivemos da venda dos selos, mas amamos nosso trabalho que tanto nos ajudou a adquirir cultura, alargar nossos horizontes e amadurecer nosso conhecimento e isto queremos compartilhar com vocês, não apenas o aspecto material do colecionismo de selos, mas o enriquecimento intelectual. Os selos podem passar mudar de mãos, virarem herança, podem até ser roubados; mas tudo o que se aprendeu ao colecioná-los permanecerá e crescerá com o tempo, agregado aos nossos espíritos e nos acompanhará pela eternidade a fora, vida após vida.

Ana Lúcia Loureiro Sampaio

O Brasil Foi Descoberto em 22 de Abril de 1500.

Por Pedro Álvares Cabral



Retrato de Pedro Álvares Cabral.

A peça é uma quadra. Enfeita melhor a coleção no caso de selos pequenos demais, como estes.



EPD dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil, comemorados no ano 2000. Esta peça é feita com os selos emitidos para os quais não foi feito um envelope ilustrado como para os FDC. Os selos comemorativos são fixados nos envelopes brancos, especiais dos Correios com um relevo de um Olho de Boi e a sua logomarca. Sobre os selos é aplicado o Carimbo de Primeiro Dia de Circulação, especial para os mesmos.

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL.

O descobrimento do Brasil ocorreu em 22 de abril de 1500. Mas um fato Histórico de relevância como este, não pode ser estudado isoladamente sem análise dos fatos que o precederam abrindo as possibilidades para que o fato histórico, objeto de nosso estudo pudesse ter acontecido. A História é como uma corrente encadeada onde nada acontece sem uma sequência lógica e o descobrimento do Brasil veio acontecendo praticamente desde 1418.

Na Europa, com o fim da idade média e o início do Renascimento, começaram a ocorrer grandes transformações sócio-econômicas, fortalecidas pelo comércio intenso entre cidades e países que floresceu após a fragmentação do sistema feudal.

Mas foi principalmente o fogo do incansável Espírito Humano em sua eterna busca de novos conhecimentos, para evoluir, insuflado pelos novos ventos ocasionados pelas idéias diferentes e mais livres do Renascimento, após os séculos de estagnação no obscurantismo da Idade Média, que empurrou o homem para o mar a procura de novas terras e novos rumos para a humanidade.

Foram os portugueses os precursores daquela fantástica aventura, desencadeada com a fundação da Escola de Sagres, pelo Infante D. Henrique, em 1418.



Infante D. Henrique, fundador
da Escola de Sagres.



Para a escola de Sagres convergiam nobres e navegadores destemidos sedentos de novos conhecimentos e aventureiros. Assim os olhares se expandiram para longe daquele mundo conhecido apenas por navegação de cabotagem. Os portugueses, com a ajuda dos instrumentos de navegação, o Astrolábio e o Quadrante, ambos inventados pelos árabes, superaram a principal dificuldade que era a orientação em mar alto.



Esta peça é um FDC; isto é: um envelope de primeiro dia de circulação, que como podemos ver enfeita e ilustra muito bem uma coleção devido a um maior conteúdo de informações e carimbos.

Até então, era este o mundo conhecido pelos homens, este mapa de L. Homem feito em 1519 ainda não abrangia as novas terras, mas a suposição de sua existência; o mar é azul e a parte amarela as terras já conhecidas e o que imaginavam encontrar navegando sempre rumo ao ocidente. Pensavam encontrar a continuação de terras orientais já conhecidas; o leste europeu, a Índia e a China.

Com o princípio de navegar sempre em direção ao ocidente, os portugueses em 1419 chegaram à Ilha da Madeira, em 1427 avançando um pouco mais chegam ao Arquipélago dos Açores. Em 1487, com navegação de cabotagem contornando à África, o português Bartolomeu Dias atingiu o Cabo da Boa Esperança, a procura de um novo caminho para as Índias que antes era feito a pé ou pelo mediterrâneo e tornou-se impossível de ser usado quando os Turcos em 1453 tomaram Constantinopla bloqueando as rotas entre a Europa e a Ásia, atrapalhando o comércio de especiarias, sedas e outros produtos muito requisitados pelo novo sistema econômico social europeu, baseado em comércio intenso entre cidades e países da Europa e do Oriente.



Colombo – Instrumentos de navegação suas três naus: Santa Maria, Pinta e Nina e ao fundo o mapa de sua viagem – esta peça chama-se par; são dois selos emitidos juntos. É também aquilo que chamamos de se-tenant (francês) indicando selos emitidos juntos

Cristóvão Colombo era um navegador genovês, que a serviço de Portugal, frequentou a Escola de Sagres. Convencido da esfericidade da Terra propôs ao rei de Portugal alcançar às Índias pelo Oceano Atlântico; mas o projeto foi recusado. Ofereceu, então, o seu serviço aos reis da Espanha e a Rainha Isabel, a Católica, tornou-se a principal patrocinadora de sua viagem empenhando suas jóias para comprar e equipar as três Caravelas que levaram Colombo para descobrir a América em 22 de outubro de 1492 ao aportar na Ilha de San Salvador, pensando ter chegado às Índias.



Bandeira de Colombo ao partir do Porto de Palos, na Espanha em 03-8-1492.



Rainha da Espanha Isabel. a Católica.



Este mapa é um dos primeiros a retratar as Américas é de autoria de N. Visscher e foi feito em 1652.



Cristóvão Colombo em San Salvador. Prece e cerimônia de tomada de posse das terras recém descobertas, em nome dos reis da Espanha.

A descoberta das Novas Terras pelos espanhóis, despertou a cobiça por toda a Europa, eram grandes as expectativas de enriquecimento, com a exploração da infinidade de produtos descritos pelos participantes da viagem de Colombo.

Os portugueses julgando-se os únicos donos das terras de além mar, por terem sido os primeiros a descobrir as ilhas navegando em alto mar em direção ao ocidente, sentiram-se lesados e entraram em conflito com a Espanha. Foi preciso a Intervenção do Papa Alexandre VI que, desempenhando o papel de árbitro internacional e celebrou afinal em 1494, o Tratado de Tordesilhas. O acordo traçava um meridiano a 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde; passando perto das atuais cidades de Belém (PA) e Laguna em (SC) As terras a leste da linha tornaram-se portuguesas e as a oeste ficaram sendo espanholas.



Este é o bloco comemorativo dos 500 Anos da Assinatura do Tratado de Tordesilhas. Um bloco é uma peça maior, espécie de folhinha com margens desenhadas ou escritas completando o assunto exposto pelos selos ou selo.

Este é o selo destacado do Bloco ao lado



Em 1498, Vasco da Gama, navegador português, contornando o continente africano, conseguiu concluir o percurso iniciado do Bartolomeu Dias em 1487 e dobrou o Cabo da Boa Esperança, finalmente chegando às Índias. Tornou-se, então, urgente para Portugal assegurar o domínio das regiões asiáticas. Assim por esse motivo, o rei de Portugal, D. Manuel, o Venturoso, organizou uma poderosa esquadra com dez naus, duas caravelas e mil e quinhentos homens, sob o comando do fidalgo português Pedro Álvares Cabral. Participaram dessa expedição marinheiros experientes e navegadores de vulto como Bartolomeu Dias, Nicolau Coelho e Sancho Tovar. O motivo formal e aparente era fundar feitorias para exercer o domínio comercial nas costas atingidas por Vasco da Gama. Mas sob essa aparência estava à ordem do Rei, dada a Cabral para navegar em direção ao ocidente para encontrar novas terras, como Colombo já havia encontrado em mais duas viagens posteriores a do Descobrimento da América.



Cabral e sua frota.



Pedro Álvares Cabral com sua Bandeira e a Bandeira de Portugal

Este pequeno selo foi emitido em 1906 e é o primeiro dos nossos selos a retratar Cabral



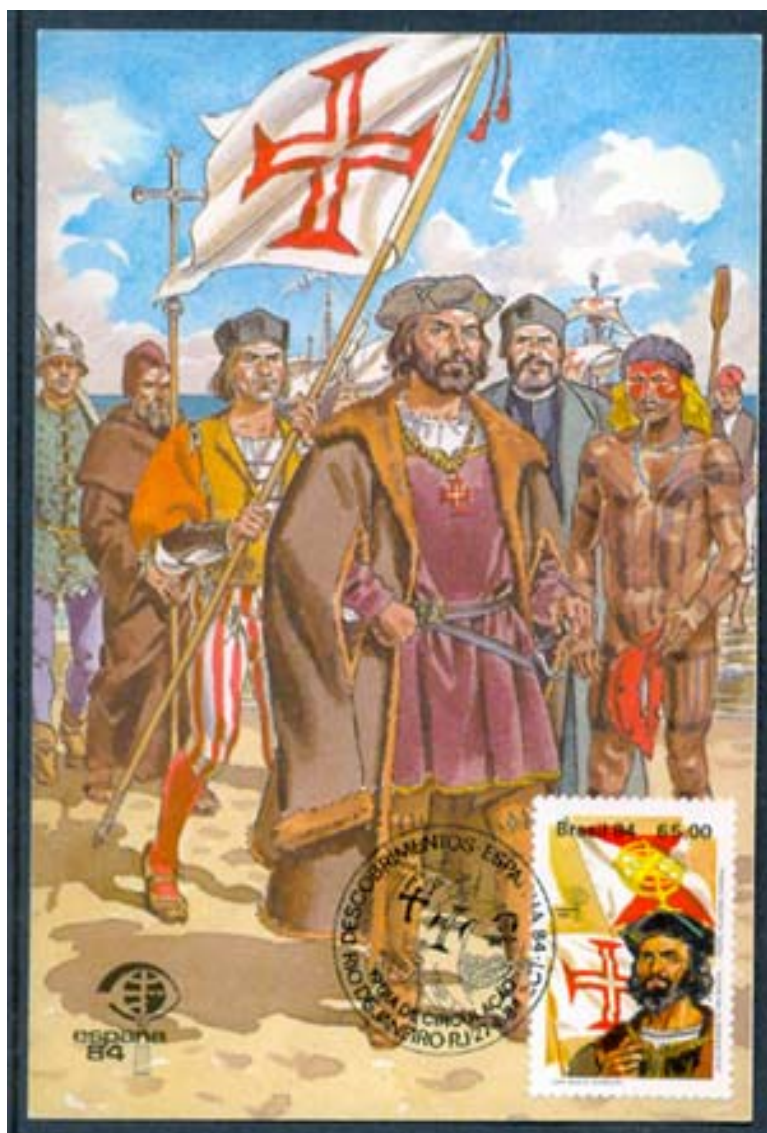
Este é o primeiro selo comemorativo do Brasil emitido 01-01-1900 para comemorar o quarto centenário do Descobrimento do Brasil em 22 - 04-1500

No dia 22 de abril de 1500 o Brasil foi descoberto quando avistaram um monte, ao qual deram o nome de Pascoal, por se domingo de Páscoa.

Após as cerimônias de posse em terra firme, onde também foi rezada uma missa em 23 de abril de 1500, por frei Henrique de Coimbra, a esquadra retomou o caminho para as Índias e uma das naus, comandada por Gaspar de Lemos voltou para Portugal levando ao rei uma carta redigida por Pero Vaz de Caminha, narrando os acontecimentos e as belezas e riquezas naturais da terra recém descoberta. Cabral desembarcou na Ilhota da Coroa Grande para a cerimônia de posse e a baía de Porto Seguro foi o local escolhido para a primeira missa.



Este selo de 1968 comemora os 500 anos do nascimento de Pedro Álvares Cabral e tem como tema a Primeira Missa Rezada no Brasil, reproduzida de uma tela de Portinari.



Pedro Álvares Cabral acompanhado de sua comitiva, desembarcando na Ilhota da Coroa Grande na Bahia.

Esta peça é um Maximo Postal que pode enfeitar e ilustrar melhor uma coleção por apresentar mais conteúdo informativo e carimbos.

Ilha de Vera Cruz foi o primeiro nome dado à nova terra, em homenagem à cruz erguida para a primeira missa. Depois passou a chamar-se Terra de Santa Cruz, quando descobriram tratar-se de uma vasta extensão territorial e não uma simples ilha. Mais tarde encontraram uma boa fonte de renda com a extração do Pau-Brasil, madeira avermelhada muito usada na Europa para tingir panos e móveis e desta forma passaram a chamar de Brasil, umas terras que de início nem eram tão importantes para os portugueses, quanto as suas feitorias nas Índias.



Porto Seguro: Monumento atual, no local onde foi rezada a 1ª Missa, tela E. Magalhães.



Baía de Porto Seguro. Vista atual. Tela de Sérgio Telles.



Pero Vaz de Caminha observado pelos índios, escreve ao rei de Portugal, sobre o Descobrimento da nova terra. Este é o primeiro documento escrito relacionado ao Brasil.

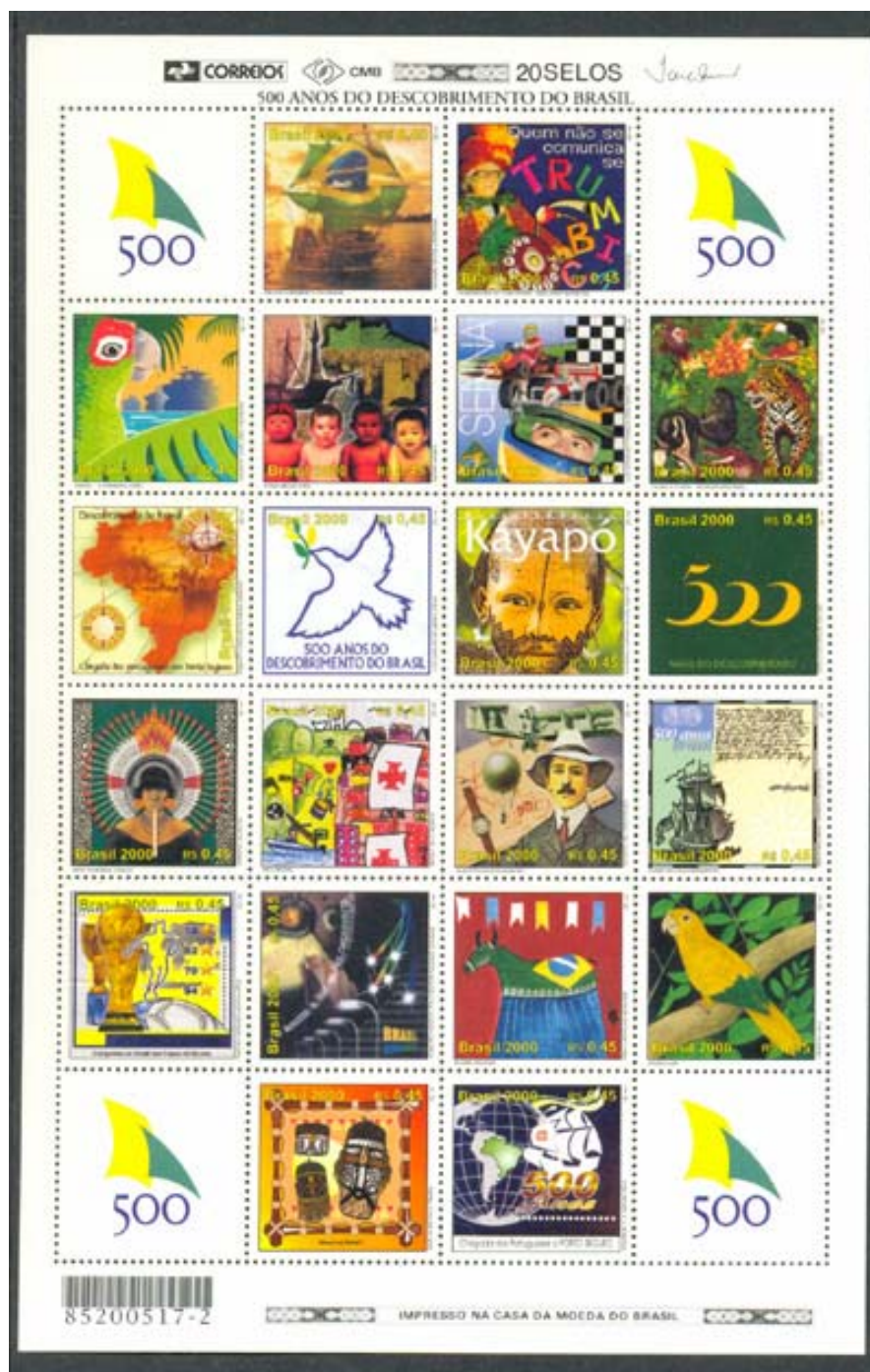
Árvore e flores do Pau-Brasil



Selo Personalizado Comemorativo dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil, antiga Terra de Vera Cruz – O selo personalizado tem uma vinheta, sem valor postal, onde podemos encomendar no nos Correios que imprimam uma fotografia, um logotipo, um nome ou, uma data. Aqui no caso, nós escolhemos a foto do índio, por combinar melhor com o assunto.



Bloco Comemorativo do Sesquicentenário do Pintor Vítor Meireles intitulada A Primeira Missa no Brasil



Esta peça é uma folha, que foi emitida por ocasião dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil, no ano 2000. Aqui nós a colocamos inteira, porque ela como um todo é uma homenagem ao Descobrimento. Mas pode também ser aberta para que sejam usados apenas os selos que se referem ao descobrimento em si.

Um Novo Conceito de Filatelia

De Ana Lúcia Loureiro Sampaio.
Abril de 2010.

Às vezes, vemos gente, mesmo entre os filatelistas experientes, ignorar a importância dos selos postais e da Filatelia. Já vimos uma porção de pessoas cultas sem saber o que é Filatelia e muitas outras pensando que colecionar selos é o mesmo que colecionar figurinhas.

Antigamente havia uma série de conceitos criados por filatelistas apaixonados, colocando a Filatelia como: união entre os povos, promotora de grandes e eternas amizades ou, investimento para os mais ambiciosos; ciência arte e cultura como diziam os mais estudiosos, aforismos a parte, apesar de a Filatelia ser tudo o que já disseram e dizem, a Filatelia é muito mais e merece ser enunciada como mais precisão científica.

A Filatelia é uma ciência na área das ciências da Comunicação Social porque tem como objeto um veículo de comunicação que é o selo postal. A Filatelia também é uma ciência auxiliar de outras ciências voltadas para as áreas de Humanas, tais como: História, Geografia, Economia, Política e principalmente a Pedagogia devido ao seu aspecto lúdico.

As informações obtidas em livros e recortes de jornais são de fonte secundária, estando nelas contidas a influência de quem as escreveu. O selo postal é o retrato do espírito de um povo em um momento histórico. Sendo o selo postal uma obra gráfica que envolve várias pessoas na sua confecção, a essas várias pessoas podemos considerar como uma amostra do povo. Assim as informações obtidas em um selo são de fonte primária.

O selo postal pode ser estudado por três aspectos: material, econômico e iconográfico.

O estudo do aspecto material é exatamente o que mais fazem os filatelistas tradicionais, quando analisam o material empregado na confecção do selo; isto é papel, tintas e mais o tipo de impressão e de corte. Nesta pesquisa, podemos analisar a estrutura econômica do país em determinado momento da História conforme a qualidade do material utilizado na confecção dos selos e podemos ver o teor de avanço tecnológico alcançado pelo país conforme a impressão do selo que temos para examinar. Esta pesquisa descobre que se usavam determinados produtos e instrumentos. Um relato não poderia mostrar melhor o nível de adiantamento ou riqueza de um país.

O estudo do aspecto econômico é a análise dos valores aplicados ao selo e do uso dos mesmos sobre cartas, que mostram as tarifas cobradas. Aqui se encaixam também as sobrecargas, durante períodos inflacionários, aumentando rapidamente os valores de selos já impressos com valores menores. Chegamos a ver até mesmo sobrecarga, sobre outra sobrecarga. Tudo isso é uma fonte primária de pesquisa é o que estava acontecendo em um determinado momento de um país; explica melhor que um livro ou recorte de jornal.

O estudo do aspecto iconográfico é a análise de tudo quanto a imagem reproduzida no selo pode mostrar ou deixar de mostrar. O carimbo também entra neste aspecto. Um fato muito engraçado ocorreu no período do Império aqui no Brasil. Os primeiros selos com a efígie de D. Pedro II que foram emitidos em 1866 mostram carimbos melhores, mais limpos sem destruir ou borrar a imagem do Imperador. Os selos emitidos a partir de 1877 já vão aparecer com as imagens sujas, inteiramente borradas, algumas até parecendo pisadas. Eram os agentes postais já bem infiltrados pelo espírito republicano da época expressando seu desagrado pelo Imperador.

No sentido de analisar as imagens, um belo exemplo de força, vigor e patriotismo, começa surgir em 1968 após um longo período de mesmices que foram as emissões desde 1948. Imaginem vocês, que quando presidente, Jânio Quadros era tão econômico que exigiu que se usassem as tintas fazendo selos e selos seguidos da mesma cor até que se acabassem. A propaganda do Governo Militar, instalado desde 1964, usou imagens fortes para o regime se efetivar melhor e ser assimilado pelo povo que lhe era contrário. Foi um período de muitas coisas ruins que eram escondidas, mas também de muitas coisas boas, que antes o Brasil não teve. Principalmente o orgulho de ser brasileiro. Com a volta da Democracia as propagandas de brasilidade continuaram e isso vem educando o povo e melhorando o nosso conhecimento. Pedagogia coletiva, gente. Tudo isto está nos selos. Basta parar e olhar com vontade de ver as coisas.

O selo postal tem a função de um recibo que indica ao funcionário do correio que a tarifa foi previamente paga. Não foi criado para ser colecionado, mas para simplificar o trabalho dos correios e garantir previamente a quitação do valor do transporte e entrega da correspondência. Portanto, quando circulado, isto é: com carimbo de circulação é um documento que cumpriu a sua função e é um documento histórico porque sob seus três aspectos ele pode nos dizer alguma coisa de um momento histórico do país que o emitiu.

A Filatelia praticada em casa ou, em escolas, pode ser totalmente de caráter pedagógico. O aspecto lúdico de colecionar atrai as crianças e estimulando sua inteligência a ir rompendo os limites à procura de cada vez mais conhecimentos. Pequenas coleções podem ser montadas sobre quase todos os assuntos que fazem da História, da Geografia, da Cidadania, do Patriotismo, do Amor ao Próximo, da Saúde, dos Esportes, da Natureza e tantas outras coisas. Aprender a usar a Filatelia desta forma com os filhos, netos e sobrinhos pode ser uma boa forma de plantar boas sementes em terra fértil e deixar uma contribuição melhor para o mundo.

O DIA DO ÍNDIO.

19 DE ABRIL

Ana Lucia Loureiro Sampaio – 04/2010

Os ancestrais de nossos índios foram os Tupis, povos sedentários da América Central. Chegaram ao Brasil por volta do ano 1000 AC e se espalharam, dizimando ou assimilando os grupos nômades que aqui encontraram cujos vestígios existem desde 60.000 anos atrás. O mais antigo fóssil humano brasileiro foi encontrado na região de Lagoa Santa em Minas Gerais, viveu aqui há 11.500 anos deram-lhe o nome de Luzia.



Pinturas Rupestres no Grande Abrigo de
Santana do Riacho em Minas Gerais



Preservação
dos
Sambaquis.
Machado e
Artefatos

Pedra
Lavrada do
Ingá
Paraíba



Pedra Pintada
em Roraima



Parque Nacional
da Capivara
Vestígios da Pré-
História

Em 1500, quando o Brasil foi descoberto, os índios aqui já estavam ocupando todo o território. Eram mais de 8.500.000 formando um grande conjunto de nações, algumas com dimensões e populações semelhantes à de países europeus nessa época. Eram belos, fortes e livres.



Esta quadra emitida para a comemoração dos 500 Anos do Descobrimento mostra uma alegoria composta com portugueses e índios.

Os índios eram os donos desta vasta extensão de terras recém descobertas e aqui viviam em harmonia com a fauna e a flora exuberante que os alimentava e provia de todo o necessário.



A vida era farta e alegre, viviam da caça, da pesca e da coleta de frutos e raízes, alguns também já plantavam roças de mandioca. Os rios eram cheios de peixes e os animais das florestas davam boa carne.

Pescavam com lanças, flechas, pequenas redes chamadas puçá e até mesmo com as mãos.



Barrigudinho



Peixe Disco



Mamaiacu



Jaraqui



Palmito



Piratantá

O índio era a natureza, a natureza era o índio. Tirava dos rios e das matas apenas o que ia precisar; respeitando os outros seres vivos.



Sarro



Pirarucu



Peixe - Boi



Tartaruga do Amazonas



A época da reprodução dos peixes e animais era sagrada, sabiam que para ter sempre era preciso respeitar os ciclos da natureza.



Também a caça era muita, pequenos e grandes animais eram bons alimentos para aquela gente forte, bonita e saudável.



De norte a sul os índios ocupavam estas terras, verdadeiro paraíso!

Onde tudo brotava frutificava e se reproduzia sob o olhar de Deus.

No paraíso dos índios tudo era abundância e a vida vicejava por todos os cantos sob as mais variadas formas em espécies incontáveis.

Parque Nacional das Emas

Parque Nacional Chapada dos Veadeiros



Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.

Parque Nacional do Itatiaia.

Esta quadra é formada por quatro Parques Nacionais de diferentes regiões



Ariranha



Jacaré do Pantanal



Guará



Ema



Ouriço Preto



Tamanduá Bandeira



Macacos Muriqui



Tatu Canastra



Lobo Guará



Veado Campeiro

Também se alimentavam ou faziam remédios com frutas, raízes e sementes. As terras eram férteis e davam de tudo!



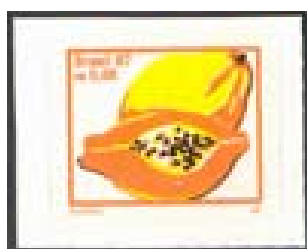
Cacau



Guaraná



Coco



Mamão



Caju



O Cupuaçu é originário da Amazônia



O Caju é da Região Nordeste



Pitanga



Castanheira



Pequi



Açaí do Pará

Os hábitos e costumes dos índios mudavam bastante de nação para nação, havia, porém alguns constantes a todos. Moravam em Ocas, casas grandes arredondadas feitas com troncos e galhos de árvores, cobertas com sapé, sem qualquer divisão interna, mas com muitos esteios onde penduravam as redes que usavam para dormir. Em cada Oca podiam morar trinta ou quarenta pessoas e uma aldeia tinha de nove a dez ocas.

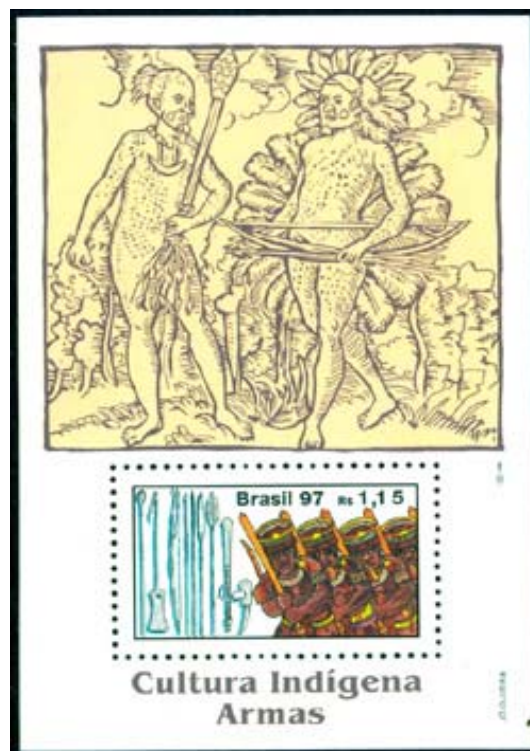


Oca indígena de Rondônia



Rede

Viviam em sociedade comunitária, onde tudo era dividido por todos; trabalho, comida, alegrias, medos e tristezas. Cada grupo era como uma única família. O chefe de um tribo ou agrupamento era o Cacique. Os homens construíam as Ocas, faziam as armas, caçavam, pescavam e quando preciso, guerreavam. As mulheres cuidavam das crianças pequenas, colhiam frutos, sementes e ervas, preparavam os alimentos, teciam as redes e faziam os objetos de arte, trajes rituais e utensílios domésticos.



As armas mais utilizadas pelos índios eram as lanças, o arco e flecha e os tacapes.

Os índios tinham sensibilidade artística e muitos de seus objetos e utensílios eram verdadeiras obras de arte.



Cerâmica Tupi-Guarani



Tanga Marajoara



Urna Funerária Maracá



Cerâmica Santarém



Cerâmica Marajoara



Cerâmica Marajoara

Os índios andavam nus, mas usavam pinturas corporais com significados próprios para cada ocasião e também se enfeitavam com máscaras, penas, ossos, palha, conchas e objetos de cerâmica.



Pintura Corporal Kaiapó



Pinturas e enfeites dos índios da tribo Yanomami



As máscaras eram usadas nas festas e rituais religiosos ou de guerra.



Máscara Kanela do
Maranhão



Máscara Tapirapé do
Mato Grosso



Máscara Tukuna
do Amazonas



Máscara Bakairi



Cacique



Resplendor Karajá



Arte Plumária
Karajá



Rosto pintado e
enfeitado do índio
Kayapó.



Máscaras Bakairi

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, desembarcaram em Porto Seguro, tomaram posse das novas terras e imediatamente seguiram viagem para as Índias. Somente por ordem de D. João III, rei de Portugal, em 1532 chegou a primeira expedição colonizadora, comandada por Martim Afonso de Sousa, que fundou a Vila de São Vicente, o primeiro núcleo populacional do Brasil.



A primeira vista que tiveram os portugueses chegando



Chegada de Cabral em Porto Seguro



Rei D. João III de Portugal



Martim Afonso de Sousa



Fundação da Vila de São Vicente
Instalação do Pelourinho e Missa



Desembarque de Martim Afonso com seus homens e os índios assistindo



Mapa da América do Sul com destaque para o Brasil e Meridiano de Tordesilhas

Assim que Martim Afonso chegou ao Brasil, foi procurado por um homem chamado João Ramalho, um que já vivia entre os índios há trinta anos. Havia se casado com uma índia filha do Cacique Tibiriçá. Esse homem ajudou muito a Martim Afonso a estabelecer amizade com os índios e a conviver com eles pacificamente. Nessa primeira fase da colonização, houve muitos casamentos de portugueses com índias e os novos colonos adotaram muitos hábitos dos índios. Mas os índios também foram influenciados por outros tantos dos parentes portugueses dando origem a uma cultura mista, que vemos até hoje quando andamos pelo litoral mais ermo ou pelo interior do Brasil e até mesmo nas grandes cidades. O caboclo está por todas as partes.



João Ramalho



João Ramalho e o
Cacique Tibiriçá

Depois da chegada de Martim Afonso, outras vilas foram sendo fundadas no litoral do nordeste ao sudeste do Brasil.

Em 1534, para economizar com a colonização do Brasil, D. João III dividiu o Brasil em Capitanias Hereditárias, concedendo grandes extensões de terras a fidalgos portugueses que se encarregariam de colonizá-las às suas expensas. Aqui sempre constante foi a presença dos índios quer colaborando com os portugueses e tornando-se parentes através dos muitos casamentos realizados entre os colonos e as índias, quer juntando-se a às vilas com suas famílias e integrandos a população, prestando um serviço aqui outro ali. Acabaram sendo absorvidos e aculturados.



Neste mapa de Diogo Homem, de 1568, em que se vê a parte que coube ao Brasil pelo Tratado de Tordesilhas, podemos ver como foi feita à povoação da zona litorânea.

A Capitania de Pernambuco começou com a Vila de Igarassy em 1535.





Emissão de 1935, comemorando o IV centenário da Colonização do Espírito Santo em 1535.

Em 1549, D. João III resolveu instalar um Governo Geral e para isso enviou Tomé de Sousa, junto com ele veio um grupo de jesuítas, chefiados pelo padre Manoel da Nóbrega, com a finalidade de catequizar e apaziguar algumas tribos indígenas que ainda eram hostis aos colonos. Nem todos os índios eram amistosos, havia até mesmo os antropófagos.



Tomé de Sousa



Padre José de Anchieta foi um dos jesuítas que mais trabalhou entre os índios. Para poder ensiná-los melhor, organizava pequenas peças de teatro em que participavam outros padres e também os índios, que adoravam representar.



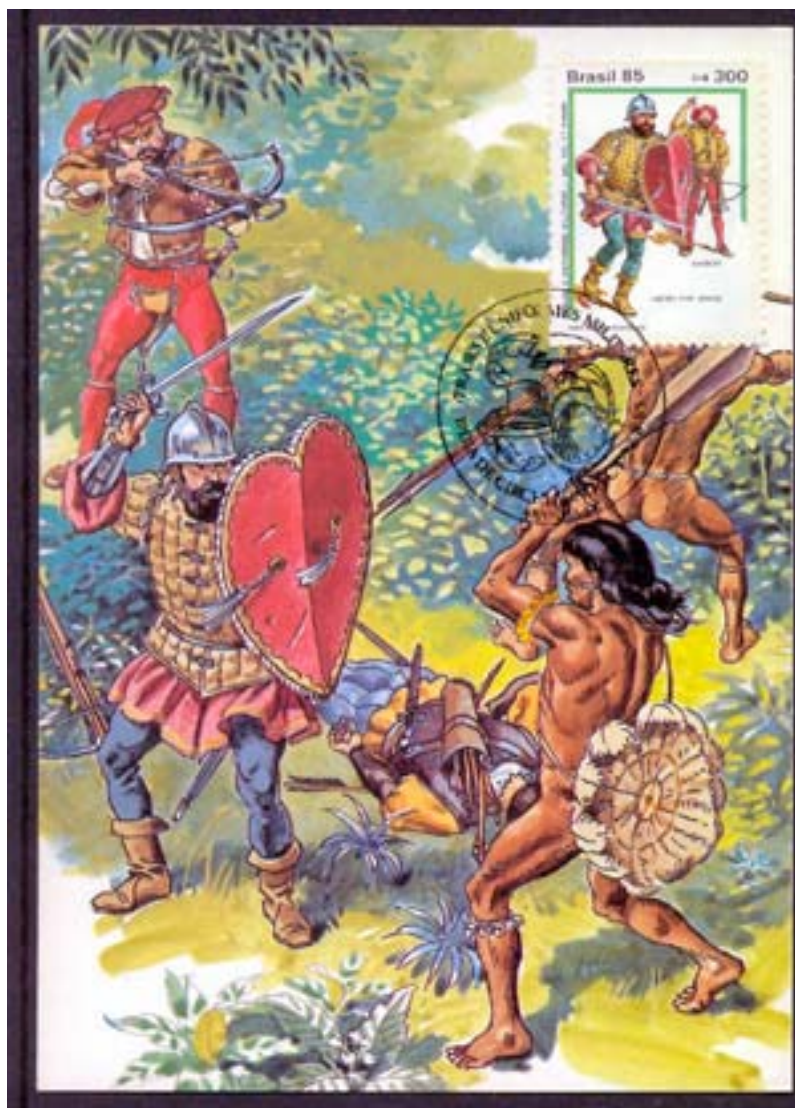
Padre Manoel da Nóbrega



Chegando ao Brasil, Tomé de Sousa, o nosso primeiro Governador Geral fundou a cidade de Salvador.



Esta peça é uma folhinha filatélica emitida em 1949, comemorando a fundação da cidade de Salvador e da instalação do Governo Geral no Brasil.



Para o plantio, colheita e moenda da Cana de Açúcar, os portugueses resolveram escravizar e aprisionar os índios de tribos rivais dos índios que eram parentes e amigos que, aliás, ainda os ajudaram nessa empreitada. Os embates eram freqüentes e violentos.

Anchieta desceu todo o litoral do nordeste ao sudeste apaziguando índios e colonos



Os jesuítas assim que chegaram ao Brasil, trataram logo de criar escolas, orfanatos e construir igrejas. Destacaram-se não só pelo ardor catequético, mas também pela moral rígida, obediência aos superiores e constantes conflitos com os colonos que desejavam escravizar os índios. A proteção dos indígenas implicava em fixá-los em torno das igrejas e colégios fundados pela ordem.



Ruínas de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul, um dos últimos redutos de Jesuítas e índios.



O ensino religioso começou em 1551 com os colégios e conventos dos jesuítas



Vitória, no Espírito Santo, foi fundada em 1551 e em 1570 foram concluídas as obras do Convento e do Santuário da Penha.



Em 1554 os jesuítas fundaram São Paulo, com a construção de uma igreja e um colégio.



Em 1587 foi criado o convento de São Francisco em Salvador



Em 1590 teve início colonização de Sergipe



A cidade de Olinda e São Miguel das Missões são patrimônios históricos da nossa colonização, sempre permeada pelo trabalho dos jesuítas de educá-los, instruí-los e socializá-los, protegendo-os da grande insistência que havia em por parte dos colonos em escravizá-los.



Os jesuítas, Anchieta junto aos índios e Padre Antonio Vieira em seu púlpito, com seus sermões inflamados, foram os que mais lutaram pela liberdade dos índios.



Os Bandeirantes, junto com os índios já aculturados, embrenhavam-se pelo interior caçando índios de outras tribos, para vendê-los como escravos.



Mas os índios não serviram para ser escravizados. Quando aprisionados entristeciam, deixavam de comer, preferindo ficar em um canto qualquer até morrer a trabalhar como escravos. Muitos também morreram contagiados pelas doenças dos brancos. A maior parte dos índios foi mesmo aculturada. Os Bandeirantes, embora se embrenhassem no mato para caçar e aprisionar os índios de tribos interioranas conviviam bem com os índios do litoral que os acompanhavam em suas expedições. Assim, levavam famílias de índios ou mistas, para irem formando povoações ao longo do percurso.

Os colonos acabaram desistindo de escravizar os índios e começaram a trazer os negros da África que eram menos altivos, mais dóceis e trabalhadores.



Grupo de Índios



Índio Tapuia



Índio Tupi

No seu belo estado primitivo, ficaram na arte do pintor holandês Albert Eckhout.



Tratado Descritivo do
Brasil de Gabriel S. de
Sousa



Iracema de
José de
Alencar



Caramuru de Frei Santa
Rita Durão

Ficaram também na nossa literatura e na música de Carlos Gomes com a ópera O Guarani.



Ficaram nas nossas festas e no nosso folclore



Caboclinhos



Carnaval

Mas, sobretudo ficaram no nosso sangue, não há brasileiro que não tenha em seu sangue um pouco de índio, um pouco de branco e um pouco de negro.



Ainda existem tribos na Amazônia que jamais tiveram contato com a civilização e outros que não são mais índios, mas também não são cidadãos vivendo miseravelmente em reservas para preservar as tradições.



Não sabemos se as atuais políticas a respeito da vida dos índios nas reservas é realmente boa ou não para eles. Não sabemos se ainda vale a pena preservar cultura tão antiga e sem sentido numa época como a nossa. Melhor seria todos aculturados participando ativamente da sociedade como cidadãos.

Os Selos ATM do Brasil

Reinaldo Jacob

É do conhecimento da comunidade filatélica mundial que o Brasil foi um dos pioneiros no lançamento do selo postal, com os Olhos-de-Boi, na data de 01 de Agosto de 1843.

O Brasil também foi um dos pioneiros no lançamento dos selos automáticos, precisamente, foi o 4º país do mundo, na data de 15 de Setembro de 1979, perdendo somente para a França, lançamento em 01 de Março de 1969; Suíça em 09 de Agosto de 1976 e Noruega em 02 de Dezembro de 1978. Países como Alemanha, Portugal, Suécia, Espanha, Grécia, dentre outros, lançaram seus “autômatos” nas décadas de 80 e 90.

No mundo inteiro os selos automáticos são conhecidos, simplesmente, como ATM.

Muitos fatos curiosos ocorreram no decorrer dos lançamentos dos selos ATM no Brasil.

As vendas do primeiro selo ATM, batizado pelo catálogo RHM de SE-1, “Globo Terrestre”, eram feitas diretamente nas máquinas Suíças FRAMA, as vendas ocorreram somente no período da exposição Brasileira 1979, de 15 a 23 de setembro de 1979. O ATM “Globo Terrestre” é o primeiro ATM comemorativo do mundo.

Devido a este curto espaço de tempo, pouquíssimos selos foram emitidos, justificando assim, a escassez deste selo no mercado filatélico.



É um selo escasso e muito valorizado. No curto período de tempo, desde seu lançamento este ATM chegou ao valor de venda no mercado de R\$ 1.000,00, conforme o catálogo RHM, 52ª edição. Este é, certamente, o selo brasileiro de maior procura dentre os colecionadores e comerciantes filatélicos.

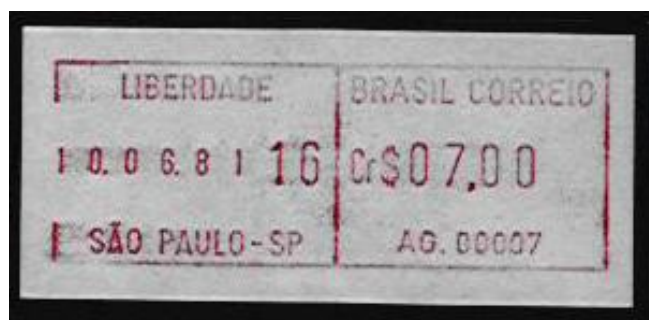
Os valores faciais desse ATM podem variar desde Cr\$ 0,20 a Cr\$ 99,00.

A segunda e terceira série de selos ATM, batizados SE-2 e SE-3, foram lançados na data de 10 de Junho de 1981 e permaneceram a disposição dos compradores, nas máquinas de vendas de selos, pelo tempo de seis meses, até a data de 28 de Dezembro de 1981.

Nos selos etiquetas, automáticos, SE-2, era possível escolher valores que podiam variar entre Cr\$ 1,00 a Cr\$ 99,00. Estes selos etiquetas continham o número da máquina e sua localização, dos 10 pontos de emissão existentes. Desta forma, o automático SE-2 possuía 10 tipos, com a descrição VA0001 à VA0010.



Nos selos ATM, SE-3, somente era possível emitir os três valores de Cr\$ 7,00, Cr\$ 12,00 e Cr\$ 18,00, para os portes da época de seu lançamento. Da mesma forma que o SE-2, as máquinas emitiam o semi-autômato SE-3 com o número da agência que foi emitido. Dos 10 pontos de emissão existentes, quatro nas cidades do estado de São Paulo, quatro nas cidades do estado do Rio de Janeiro e dois pontos de vendas em Brasília. Sua numeração variava da AG0001 à AG0010.



Estas três primeiras emissões de selos etiquetas do Brasil, que possuem uma aparência que lembra muito as franquias mecânicas, fugiu do conhecimento de muitos filatelistas e não despertou nenhum interesse daqueles que se inteiraram da novidade.

Ocorreu que estas três primeiras séries de selos etiquetas (autômatos e semi-autômatos) foram catalogadas e cotadas pelo catálogo alemão Michel Automatenmarken-spezial Katalog, atribuindo autos valores, principalmente pelo selo SE-1 brasileiro.

A partir da catalogação e valorização dos selos etiquetas brasileiras, pelo catálogo especial alemão, ocorreu uma verdadeira corrida para incluí-lo também, tantos nas coleções clássicas brasileiras, quanto no catálogo RHM.

Esta inclusão e catalogação dos selos ATM's brasileiros, no catálogo RHM somente ocorreu na 49ª edição, na data de 1994.

O lançamento dos ATM's SE-4 e SE-5, ocorreu na exposição Brasileira de 1993, entre os dias 30 de Julho à 08 de Agosto de 1993. Aqui, aconteceu outro fato muito peculiar. Na data de 01 de Agosto de 1993, no segundo dia do evento, dia do sesquicentenário do selo postal, houve mudança do padrão monetário. A moeda brasileira passou de Cruzeiros para Cruzeiro Real. As máquinas emitiam selos com o padrão monetário Cruzeiros e continuaram assim até o final do evento.



Na data de 24 de Novembro de 1994, foi lançada a série dos selos etiquetas, semi-autômato, da 46ª Feira Internacional do Livro, que ocorreu em Frankfurt, Alemanha.

Naquela oportunidade, o usuário poderia escolher em emitir os selos etiquetas, dentre quatro opções. Os valores eram de R\$ 0,84 para o 1º porte internacional, R\$ 1,50 para o 2º porte internacional, R\$ 2,14 para o 1º porte internacional + registro e R\$ 2,80 para o 2º porte internacional + registro.



Para a série de selos etiquetas de “Frankfurt”, foram atribuídos pelo catálogo RHM, a numeração SE-6 e as três subsequentes de SE-6-t1, SE-6-t2 e SE-6-t3.

Esta numeração, em minha opinião, é a mais correta, uma vez que, caso venha a ocorrer nova emissão de valores, utilizando o mesmo selo etiqueta, é possível incluir novos valores (t4, por exemplo), sem perder a numeração principal (no caso SE-6).

Na data de 20 de Dezembro de 1997, o Correio lançou a primeira série adesiva semi-autômato, etiqueta azul com uma pomba branca ao centro, com cinco valores definidos, especificando, o 1º e 2º porte nacional para pessoa física (não comercial), o 1º e 2º porte para pessoa jurídica (comercial) e 1º porte internacional. Esta série foi batizada pelo catálogo RHM de SE-7 a SE-11. Aqui também ocorreu um fato muito curioso. No início, algumas máquinas imprimiam os selos com duas casas decimais antes da vírgula. Os selos apresentavam os valores faciais de R\$ 00,22; R\$ 00,31; R\$ 00,36; R\$ 00,51 e R\$ 01,05.

Ao final do mês de Abril de 2000, houve aumento das tarifas do correio. Foram utilizados os mesmos selos etiquetas da “pomba branca”, da série SE-7/SE-11. O 1º e 2º porte nacional para pessoa física (não comercial), passou a ser impresso e cobrado o valor de R\$ 0,27 e R\$ 0,40; o 1º e 2º porte para pessoa jurídica (comercial), passou e ser impresso e cobrado o valor de R\$ 0,45 e R\$ 0,60; e para o 1º porte internacional o valor de R\$ 1,50.

Esta segunda emissão de valores da série da “pomba branca” ficou disponível aos usuários somente por quinze dias.



No catálogo simplificado RHM, 52ª edição, de 2000, não consta estes novos valores do final de Abril deste mesmo ano, atribuídos aos selos etiquetas da pomba azul pelo aumento das tarifas, que deveriam ter, na lógica, a numeração de SE-12 a SE-16.

Pior que a omissão da catalogação dos novos valores da “pomba branca”, foi a atribuição dos números SE-12 a SE-15 aos selos auto-adesivos da “Ararajuba”, conforme pode ser verificado na 53ª edição do catálogo RHM, não havendo, assim, espaço numérico para uma inclusão no futuro catálogo.

Fica aqui uma sugestão de “rebatizar” toda a série auto-adesiva da “pomba branca”, simplesmente para SE-7, e seus diversos tipos, conforme foi atribuído ao semi-autômato da 46ª Feira Internacional do Livro em Frankfurt/Alemanha. Naquela oportunidade foi atribuída à série os valores de SE-6, SE-6-t1, SE-6-t2 e SE-6-t3.

Desta forma a série auto-adesiva da “pomba branca” ficaria com a numeração SE-7 e seus nove tipos restantes com a numeração SE-7-t1 a SE-7-t9.

Na data de 25 de Setembro de 2000, foi lançada a última série auto-adesiva dos semi-autômatos, do pássaro “Ararajuba”. Seus cinco valores, para aquela data, foram de R\$ 0,27 para o 1º porte nacional não comercial, R\$ 0,40 para o 2º porte não comercial, R\$ 0,45 para o 1º porte comercial, R\$ 0,60 para o 2º porte comercial e R\$ 1,50 para o porte internacional. Conforme foi dito anteriormente, estes selos foram batizados pelo catálogo RHM com a numeração de SE-12 a SE-16.



No segundo semestre de 2001, houve nova atualização das tarifas do correio e, com a nova mudança, foram atribuídos novos valores para os portes não comercial, comercial e internacional.

Para atender a esta nova denominação, a série dos selos etiquetas da “Ararajuba” ganhou mais dois novos tipos, os valores de R\$ 0,55 e R\$ 0,70, para o primeiro e segundo porte comercial.

Fica aqui a mesma sugestão dada para série da “pomba branca”, atribuir simplesmente à numeração SE-8 para o selo etiqueta da “Ararajuba” e os seis outros tipos a numeração SE-8-t1 a SE-8-t6.

O autor é colecionador de selos do Brasil.



ANA LÚCIA RESPONDE

- Pergunta:

From: [IOVANI BRANDAO TINI JUNIOR](#)

To: contato@portaldoselo.com.br

Sent: Wednesday, March 24, 2010 5:25 PM

Subject: O Amigo Virtual

Boa Tarde a todos e parabéns pela criação e vinculação deste editorial *O Amigo Virtual do Filatelista*, acredito que para nós que somos do interior, principalmente, por não termos a oportunidade e sequer a facilidade de se reunirmos num final de semana para conversarmos com outros pares, a iniciativa é super válida, torço para dar certo. Vida longa ao *O Amigo Virtual do Filatelista*!

Aproveitando o ensejo, gostaria de ratificar os dizeres quanto às emissões Brasil, como incentivar um jovem ou uma criança a ir aos correios e comprar “ao menos os selos do ano do Brasil”? Absurdo!!!

Para finalizar, gostaria de incomodar vocês com uma perguntinha. Muito embora eu coleciono selos desde, mais ou menos, cinco anos de idade (hoje tenho 28), atualmente tenho uma grande dificuldade em reconhecer e classificar os selos estrangeiros (no meu caso URSS) que são diferenciados pelo papel no catálogo Yvert. Existe alguma dica?

Atenciosamente

Iovani Junior

Itapetininga – SP.

- Resposta:

Caro Sr. Iovani:

Estou aqui com o catálogo Yvert aberto bem nas primeiras páginas dos selos da Rússia: As primeiras séries dos nº. 5 a nº. 27 têm as cores frágeis e se desbotam na água se não houver cuidado no momento em que for lavá-los. Não devem ser usados produtos para tirar ferrugem.

Acredito que o senhor já saiba sobre filigranas, mas se não souber identificá-las o melhor processo continua sendo com a benzina retificada, se não puderem ser vistas a olho nu, contra a luz, pelo verso do selo. A Rússia tem vários tipos de filigranas, que estão catalogadas e com seus desenhos impressos no catálogo para melhor podermos fazer as comparações necessárias.

Se for usar benzina tome cuidado, use máscara e o faça em lugar arejado, não permanecendo muito tempo seguido nesse trabalho. A benzina é altamente prejudicial à saúde dos pulmões.

Eu por não tomar esses cuidados passei quase dois anos doente.

Agora vamos finalmente aos papéis:

A primeira menção feita sobre papéis é a respeito dos selos que vão do número 1 aos 16 que foram impressos em papéis com várias espessuras diferentes.

A segunda menção, creio ser este o seu problema de identificação é sobre o papel vergê, mencionado já a partir do nº. 17.

O papel vergê é um papel de fabricação manual, conhecido também como: bastonado, betado ou listrado. Podem ser parecidos com as filigranas, mas são listras paralelas, que podem estar tanto na horizontal como na vertical, conforme a posição dos fios metálicos das prensas usados durante a fabricação.

Podemos identificar as listras do papel a olho nu quando os papéis são mais finos, os papéis mais grossos e feitos com mais cuidado às vezes só com benzina podemos analisá-lo.

Os ingleses chamam esse papel de laid paper e os alemães gestreift papier.

À maior parte dos países em suas emissões iniciais, fizeram vários testes com diversos tipos de papéis para ver o que melhor se adaptaria ao uso geral do país em questão.

Logo mais nos selos nº. 61 nós vemos o termo papel batonné em losanges que nada mais é que o papel vergê com linhas paralelas inclinadas em duas direções diferentes formando losangos. Como disse tudo isso era provocado pelas experiências e também por mudanças de fornecedores de papel.

Logo a seguir, em 1913, com os selos de nº. 77 a nº. 92 vemos o emprego do papel couchê, que é o papel brilhante e liso já feito à máquina e que contem em sua massa uma mistura de pectina, sulfato de bário ou caulim.

Depois vemos surgir o papel ordinário e o papel mince huileux em 1921 nos selos nº. 139 a nº179. Aqui também esses papéis eram feitos à máquina. O papel ordinário por medida de economia não levava a mesma mistura usada no papel couchê em sua preparação, era um papel menos encorpado que o couchê e sem brilho. O papel mince huileux foi outra tentativa de baratear o custo da emissão usando uma liga a base de gordura para o papel ser mais fino e flexível em vez de outros produtos mais caros para ligar a massa do papel.

Após esses testes todos para descobrir um modo de fazer mais por menos custo, a partir de 1922 os selos passaram a ser feitos em papel ordinário ou papel couchê. Na fase mais antiga usaram mais o papel ordinário e na mais moderna o papel couchê predominou para tornar os selos mais brilhantes e vistosos.

Tenho a impressão que falei, em linhas gerais, o mais importante sobre as diferenças de papel e de como identificá-los, mas se houver ainda algumas dúvidas, pergunte sempre, suas dúvidas são também as de muitos outros que querem aprender e isso é salutar à Filatelia.

Quanto mais se aprende, mais certas podemos fazer as nossas coleções.

Um grande abraço e muito obrigada pela pergunta.

Ana Lúcia Loureiro Sampaio



Portal do Selo
Filatélica Penny Black



Fones: (11) 3331-2822 / 3222-0277 - Fax: (11) 3362-0782

R: Aurora, 776 Cj. 257/258 - Sta. Ifigênia - São Paulo -SP - CEP.: 01209-000.

Caixa Postal: 405 – CEP.: 01060-970 - SAO PAULO – SP

Expediente:

Editora Responsável: Ana Lucia Loureiro Sampaio

Produção e Arte Final: Gabriel Luis Scatolin

Consultoria: Giorgio Radini